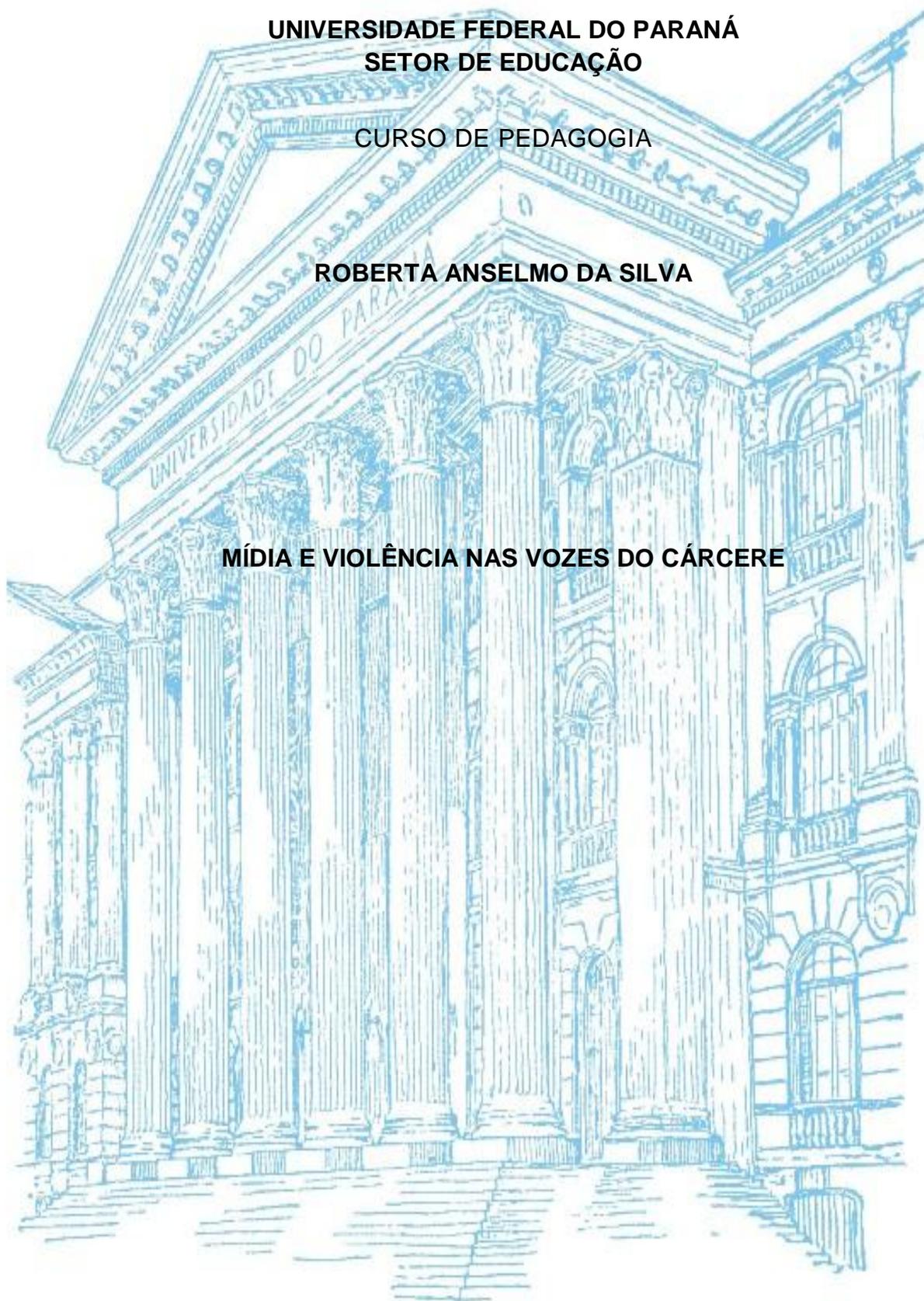


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

CURSO DE PEDAGOGIA

ROBERTA ANSELMO DA SILVA

MÍDIA E VIOLÊNCIA NAS VOZES DO CÁRCERE



**CURITIBA
2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ROBERTA ANSELMO DA SILVA

MÍDIA E VIOLÊNCIA NAS VOZES DO CÁRCERE

Trabalho de Conclusão de Curso Pedagogia
apresentado ao Setor de Educação, da
Universidade Federal do Paraná como
requisito para aprovação.
Orientadora: Sonia Maria Chaves Haracemiv

**CURITIBA
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROBERTA ANSELMO DA SILVA

MÍDIA E VIOLÊNCIA NAS VOZES DO CÁRCERE

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Sonia Maria Chaves Haracemiv (Orientadora)
Doutora - UFPR

Dulce Dirclair Huf Bais
Doutora - UFPR

Cineiva Campoli Paulino Tono
Doutoranda - UTFPR

CONCEITO FINAL: _____

Epígrafe

Ditadura da Televisão

*Na infância você chora
Te colocam em frente da TV
Trocando suas raízes
Por um modo artificial
De se viver*

*Ninguém questiona mais nada
Os homens do poder
Agora contam sua piada
Onde só eles acham graça
Abandonando o povo na desgraça
Vidrados na TV
Perdendo tempo em vão, em vão.*

*Ditadura da televisão
Ditando as regras, contaminando a nação*

*O interesse dos grandes
É imposto, de forma sutil
Fazendo o pensamento do povo
Se resumir a algo imbecil
Fofocas, ofensas, pornografias
E pornografias, ofensas, fofocas
Futilidades ao longo da programação*

*Ditadura da televisão
Ditando as regras, contaminando a nação*

*Numa manhã de sol ao ver a luz
Você percebe que seu papel é resistir, não é
Mas o sistema é quem constrói as arapucas
Que você está prestes a cair. Ô ié*

*Da infância a velhice
Modo artificial de se viver
Alienação
Ainda vivemos aquela velha escravidão.*

*Ditadura da televisão
Ditando as regras, contaminando a nação.*

Ponto de Equilíbrio:

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me acolher nas voltas do Seu abraço e criar a natureza, que tanto agrada meus olhos, alegra meu espírito e alimenta minha alma, dando a certeza de Sua existência e presença em minha vida.

Aos meus amados pais, a escolha mais acertada que fiz (antes mesmo da minha existência neste plano), por acolherem as minhas dores como se fossem suas e pelo amor incondicional que demonstram todos os dias. Em especial à minha mãe, pelas horas sentadas ao meu lado, fazendo de sua presença, minha inspiração.

À minha Irmã, por representar o amor mais sincero que eu sinto.

À minha querida Orientadora, Professora Sônia, pela confiança que depositou no meu trabalho e pelas palavras de incentivo e acalanto nas horas de dificuldade.

À minha amada tia Dete, por ser exemplo de mãe, profissional e amiga, por me apresentar realidades e pessoas que amei e jamais esquecerei.

Ao meu namorado, por partilhar comigo sentimentos, emoções, paisagens e muito amor, me acolhendo sempre em seus abraços.

À minha amiga e confidente Carol, por abrir mão dos seus problemas, para me ajudar a carregar os meus.

Às minhas amigas/irmãs da faculdade, por viverem ao meu lado durante esses 5 inesquecíveis anos e partilharem comigo, as mais inusitadas emoções.

À minha princesa Julia, por entender a minha ausência e ainda assim me amar como poucos.

À minha tia e madrinha Zica, por me apoiar em todas as minhas decisões, demonstrando o orgulho que sente por mim.

Aos amigos, pelas risadas, festas, ligações de horas, e principalmente por entenderem que a distância não apaga o que vivemos.

Aos meus tios do coração Cleci e Juarez, por contribuírem e estarem presentes nas realizações dos meus sonhos.

Ao meu avô e demais familiares, por sustentarem a rocha firme, que nos deu suporte para chegar até aqui, a nossa família.

À todos vocês, que sonharam e viveram comigo este sonho...

O MEU MUITÍSSIMO OBRIGADA

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar nas vozes dos detentos a influência da mídia e as atitudes violentas em relação à falta de respeito ao direito à vida do outro, a partir da pesquisa “Vozes do Cárcere” – Paz e não violência em busca de um novo modelo de gestão penal. Tendo início em 2011, a pesquisa “Vozes do Cárcere” do Projeto Novos Talentos, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, em parceria com a Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná – SEJU, ouviu 14.000 detentos das 23 Unidades Penais do Paraná. O método adotado neste estudo foi etnográfico, de hipótese qualitativo-fenomenológica, que visa o entendimento do comportamento humano, considerando a interpretação dos sujeitos em relação ao objeto de investigação, análise da influência da mídia e a violência, desde a infância, até os atos que levaram à privação da liberdade.

Palavras chaves: Mídia; Violência; Privação de liberdade.

ABSTRACT

This work aims to identify, in the voices of inmates, the influence of media and violent attitudes concerning about lack of respect to the right to life of another, based on the research "Voices from Prison - Peace and non-violence in search of a new style of criminal management". The research "Voices from Prison" is part of the New Talents Project of the Federal University of Parana and started in 2011, in partnership with the Secretary of State for Justice, Citizenship and Human Rights of Paraná - SSJU heard 14,000 inmates of 23 criminal units in Paraná. This study adopted the ethnographic method, with qualitative, phenomenological hypothesis, which seeks to understand human behavior, considering the interpretation of the subject towards the object of investigation - analysing the influence of both media and violence from childhood to the acts that led to deprivation of liberty.

Key words: Media; violence; Deprivation of liberty.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 O FENOMENO DA VIOLÊNCIA.....	11
2.2 REPENSANDO A RELAÇÃO MÍDIA E VIOLÊNCIA.....	14
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	20
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	20
3.2 POPULAÇÃO ALVO.....	21
3.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	21
3.3.1 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	21
3.3.2 APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	22
4 OUVINDO E ANALISANDO AS VOZES DO CARCERE: MIDIA E VIOLENCIA	23
4.1 VISÃO CARTESIANA DA TECNOLOGIA: O BEM E O MAL.....	23
4.2 VISÃO EMANCIPATÓRIA: MÍDIA CIDADÃ.....	30
5 CONSIDERANDO O DITO SOBRE VIOLENCIA NAS VOZES DOS DETENTOS	34
REFERENCIAS	35
ANEXO.....	39

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar esta temática surgiu na disciplina de Didática, ministrada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na qual se realizou uma visita ao Centro de Socioeducação - Cense São Francisco, localizado em Piraquara/PR. A instituição visitada é responsável pelo atendimento aos adolescentes do gênero masculino que cumprem medidas socioeducativas em situação de reclusão.

A visita oportunizou o contato com as pedagogas do Cense e despertou o interesse em conhecer para além dos processos educacionais que compõem a rotina destes sujeitos, e analisar e compreender as influências que os motivaram a descumprir a lei e por este motivo estarem privados de liberdade.

A experiência da pesquisadora com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) Projeto Pedagogia 2009 - Tecnologias Digitais e Formação de Professores: Integração Curricular de Diferentes Ferramentas para a Aprendizagem no Ensino Fundamental, atrelada à co-participação na realização da pesquisa científica no Sistema Penal/PR, intitulada “Vozes do Cárcere – Paz e não violência em busca de um novo modelo de gestão penal”, iniciada em 2011, possibilitaram o estabelecimento da relação entre a mídia e a violência. O presente trabalho buscou analisar o terceiro eixo desta pesquisa, fundamentalmente ligado à questão de número 17, do instrumento de coleta de dados. O acesso a estes dados deu-se através do contato com a orientadora deste trabalho, que também é a coordenadora da referida pesquisa e coordenadora do subprojeto “UFPR Unindo Talentos no Sistema Penal do Paraná à luz da Educação em Direitos Humanos e da Cultura da Paz”,

Para tanto, foram questionados 14.000 detentos das 23 Unidades Penais do Estado do Paraná, sobre como eles sentiam a influência da mídia nas suas atitudes e comportamentos que os levaram a privação de liberdade.

O principal objetivo desse estudo foi identificar nas vozes dos detentos a influência da mídia frente às atitudes violentas, em relação à falta de respeito ao direito à vida do outro, que os levou à privação de liberdade.

Para tanto, foi necessário traçar o perfil dos detentos quanto às condições socioeducacionais, buscando verificar as mídias mais utilizadas em suas vidas antes

da privação de liberdade e investigar a possibilidade de se considerar a mídia como recurso de aprendizagem da violência. Isso exige analisar o jogo do capitalismo na constituição do sujeito consumidor de recursos midiáticos e, como educadores repensar o processo de ressocialização destes sujeitos, sem a utilização destes recursos, analisando a relação do TER acesso aos recursos midiáticos e a constituição do SER cidadão crítico e consciente dos limites socialmente estabelecidos.

Com base nas leituras realizadas, com o objetivo de identificar nas vozes dos detentos a influência da mídia, questionou-se a relação estabelecida entre os recursos midiáticos e a formação do sujeito como cidadão, a forma como a mídia pode ser considerada recurso de aprendizagem da violência, bem como, a importância de uma educação voltada à utilização destes recursos como prevenção e/ou redução.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA

Em todas as relações sociais pode-se analisar a presença do fenômeno da violência, considerado na atualidade, como um dos maiores desafios a serem enfrentados coletivamente.

O século vinte será lembrado como um **século marcado pela violência**. Em uma escala jamais vista e nunca antes possível na história da humanidade, ele nos oprime com seu legado de destruição em massa, **de violência imposta**. Mas esse legado - **resultado de novas tecnologias a serviço de ideologias de ódio** – não é o único que carregamos, nem que devemos enfrentar (MANDELA *apud* DAHLBERG; KRUG, 2007). (Grifo nosso).

Esta fala de Nelson Mandela encontra-se no preâmbulo do primeiro *Relatório mundial sobre violência e saúde*, publicado em 2002 pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Dando boas vindas aos leitores, Mandela apresenta o documento e valoriza sua contribuição no que se refere à compreensão deste fenômeno e dos impactos que ele gera sobre a sociedade. Este relatório é o primeiro documento em escala mundial, que apresenta a violência como um problema de saúde pública.

Segundo a Diretora Geral da Organização Mundial da Saúde – OMS, Gro Harlem Brundtland,

Em todo o mundo, a violência invade a vida de muitas pessoas e, de alguma maneira, toca a todos nós. Para muitas pessoas, ficar a salvo é questão de trancar portas e janelas e evitar lugares perigosos. Para outros, é impossível escapar. A ameaça da violência está atrás dessas portas, bem escondida da vista pública. E, para aqueles que vivem no meio de guerras e conflitos, a violência permeia todos os aspectos da vida. Este relatório, (...) mostra não apenas o tributo humano da violência – mais de 1,6 milhões de vidas perdidas a cada ano e um número incontável de vidas prejudicadas nem sempre de maneira aparente –, mas expõe as muitas faces da violência interpessoal, coletiva e auto-infligida, bem como os cenários em que ela ocorre. Mostra que, **onde a violência persiste, a saúde é seriamente comprometida** (BRUNDTLAND *apud* DAHLBERG e KRUG, 2007) (Grifo nosso).

Dentre as reflexões e dados apresentados no relatório supracitado, pode-se considerar a definição de violência apresentada pela OMS, como sendo o “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

Compreendendo que a violência é um fenômeno de abrangência mundial, ao qual todos os sujeitos estão expostos e vulneráveis, faz-se necessário buscar fatos históricos relevantes que possam estabelecer uma relação especificamente voltada à realidade presente no cotidiano dos brasileiros. Dentre os que possivelmente tenham incitado atos de violência em cunho nacional, pode-se destacar a colonização do Brasil, que foi realizada de forma impositiva e injusta, resultando na morte dos indígenas e/ou retirada das suas terras. Vale ressaltar que, acostumados ao descumprimento das regras, os portugueses que aqui chegaram agiram de forma indiscriminada e ilícita (VELHO, 2000).

De acordo com Carvalho (2003), o crescimento acelerado das cidades pode ser considerado outro fator gerador da violência em questão, afinal, onde existe uma grande concentração de pessoas, ampliam-se as possibilidades de desajustes sociais, tais quais: miséria, fome, desemprego, dentre outros, que resultam em novos atos de violência.

Outro fator que se destaca quando o assunto é violência, é a omissão do Estado. Ela ocorre quando o mesmo negligencia a sua missão principal, que é a de sustentar a organização e a estrutura da sociedade, permitindo que cada cidadão cumpra fielmente o ditado *cada um por si*, assumindo a errônea missão de fazer *justiça com as próprias mãos* (GARLAND, 1999).

Além dos acima citados, a influência da mídia surge como fator relevante a favor de práticas violentas, visto que pesquisas ao redor do mundo comprovam que as diferentes formas de entretenimento violento são agentes determinantes na promoção e propagação de atitudes e comportamentos agressivos.

Não há um fator único que explique por que alguns indivíduos se comportam violentamente com outros ou por que a violência é mais comum em algumas comunidades do que em outras. A violência é o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Compreender como esses fatores estão relacionados com a violência é um dos passos importantes na abordagem da saúde pública para a prevenção da violência (DAHLBERG e KRUG, 2007).

Levando-se em consideração os fatores históricos acima mencionados, faz-se necessário conhecer os diferentes tipos de violência existentes na atualidade, bem como suas respectivas consequências.

Segundo Mandela, menos visível que os atos de violência, é o sofrimento diário daquele que o sofre. É no silêncio das suas casas que as crianças que sofrem abusos daqueles que deveriam protegê-las, entre quatro paredes que a mulher é ferida ou humilhada pelo parceiro. Sozinhas sofrem as pessoas idosas maltratadas por aqueles que se dizem seus responsáveis. É no silêncio que jovens são oprimidos por outros jovens e que pessoas de todas as idades, cores e credos, infligem atos de violência, contra si próprias (DAHLBERG e KRUG, 2007).

Segundo o autor, este legado de sofrimento é herança da violência aprendida pelas novas gerações. Quando o oprimido passa a reproduzir as atitudes de opressor, ele garante condições sociais para o exercício e propagação da violência.

[...] o dominador, antes reprimido, é o ressentido de hoje, apresentando como virtudes o “ethos do opressor” de ontem por ele incorporado. Reproduz-se, dessa maneira, a violência contra o corpo do outro, mais fraco, debilitado e objeto da ação repressiva em forma de violência. [...] Neste sentido, o “sistema” opressor, ou os opressores do corpo do outro, coletivizados ou individualizados, exercem a violência coercitiva ou persuasiva, impondo a sua ordem e a sua disciplina sobre o corpo do outro na medida em que o percebem como uma matéria passível de controle racional, ideológico, ético, físico (MESQUIDA, 2008).

Segundo Dahlberg e Krug (2007) e dados analisados pela Organização Mundial da Saúde, os tipos de violência diferem-se e podem ser categorizados como interpessoal, coletiva ou autoinfligida. Dentre estas, classificam-se as popularmente conhecidas e mais praticadas, como a violência física, por exemplo, que é realizada com a intenção de ferir, lesionar, gerar dor e sofrimento, aniquilar o indivíduo, podendo ou não, deixar marcas evidentes no seu corpo. Presente neste grupo também está a violência psicológica, onde o indivíduo afetado é colocado em situação de risco e vulnerabilidade, sofrendo por rejeição, discriminação, falta de respeito, desprezo, humilhações e afins. Assim como as demais, a violência sexual também apresenta elevados índices e consiste na realização de práticas sexuais contra a vontade do outro, a partir de coerção, chantagem e ameaças.

Além destas, e ainda não reconhecida por alguns como violência, encontram-se os atos de negligência ou abandono, que correspondem à omissão e falta de responsabilidade em relação a um dependente legal, que necessite de amparo para o desenvolvimento biopsicossocial.

Quando se trata de direitos humanos, a violência abrange todos os atos de violação dos direitos: civis (liberdade, privacidade, proteção igualitária); sociais (saúde, educação, segurança, habitação); econômicos (emprego e salário); culturais (manifestação da própria cultura) e políticos (participação política, voto) (FERNANDES e OLIVEIRA, 2013).

Segundo Andrade (2003) a violência é uma manifestação integral e não individual, haja vista a junção dos fatores anteriormente citados, sendo entendida como forma de repressão, violação ou suspensão dos direitos humanos. Compreende-se deste modo, que não estamos imunes às praticas de violência, sejam elas quais forem, porém, nada nos impede de buscar soluções para que se reduzam, mais que os índices, os danos causados por elas.

2.2 REPENSANDO A RELAÇÃO MÍDIA E VIOLÊNCIA

Segundo Trigueiro (2001), é com o intuito de facilitar a realização de atividades diárias, que os seres humanos buscam (desde os primórdios) a criação de diferentes recursos. Assim como os demais, os recursos midiáticos surgiram e permanecem se desenvolvendo com este objetivo. O advento destes instrumentos, possibilitou o acesso, ao simples toque de um dedo, às informações em tempo real, em uma escala globalizada, agilizando e barateando a comunicação entre os sujeitos.

No entanto, Casado (2011) ressalta a importância de reconhecer que a liberdade que, principalmente, a *internet* oferece faz com que os sujeitos carreguem uma falsa sensação de impunidade, em decorrência da liberdade de expressão e/ou da (pseudo) proteção ao utilizar tais instrumentos. Deste modo, compreende-se que o uso indiscriminado das mídias pode instigar a violência e a pornografia, e por este motivo, tem sido causa de preocupação entre pais, professores e autoridades públicas.

Pesquisas realizadas em diferentes países ao redor do mundo identificaram a forte influência dos recursos midiáticos no crescente aumento da violência em suas diversas vertentes. Considerando que:

O aumento exponencial da violência, em todas as suas formas, na maior parte dos centros urbanos da América Latina e do resto do mundo, assim como o primado avassalador dos meios de comunicação sobre as formas de acesso de jovens e adultos às regras de relacionamento intersubjetivo no espaço social, coloca continuamente a mídia – senão, o tipo de organização social afim à mídia – no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência (SODRÉ, 2006, p.09).

Dentre as questões centrais envolvendo a violência, nota-se uma influência da mídia sobre a população independentemente da faixa etária. Segundo Belloni (2004), esta influência é grande entre os adultos e tende a ser muito maior entre as crianças e adolescentes, que acompanham atentamente o desenvolvimento tecnológico de aparelhos, jogos e redes sociais, de forma curiosa e mais suscetível em decorrência da inexperiência.

As mídias eletrônicas (rádio, televisão, *videogames*, jogos eletrônicos e *internet*) vêm funcionando nas últimas décadas como dispositivos extremamente eficazes de socialização das novas gerações, não apenas porque ocupam a quase totalidade do tempo livre das crianças, mas porque fornecem conteúdos (heróis, personagens, mitos, valores e representações) com os quais elas vão construir seu imaginário e suas próprias representações (BELLONI, 2004, p. 61).

A autora analisa o uso generalizado destes recursos, a correspondência estabelecida entre diferentes classes sociais e a relação entre a utilização e o crescente aumento da violência.

Pesquisas de abrangência mundial e local, patrocinadas e difundidas pela UNESCO (1999 e 2002), vêm mostrando sistematicamente algumas tendências recorrentes, encontráveis em quase todos os cantos do planeta: acesso praticamente universal à **televisão**; uso bastante generalizado do **videogame (mais comum nas camadas médias e baixas que o computador)** (BELLONI, 2004) (Grifo nosso).

Segundo ela, há uma “grande desigualdade social quanto ao acesso às tecnologias” e isso se evidencia ainda mais nos países pobres. Do mesmo modo é possível identificar as diferenças significativas de gênero quanto ao uso de

videogames e à exposição e preferência por mensagens com violência. A quantidade de tempo gasto pelos adolescentes com essas mídias (especialmente com a televisão) é relativamente elevada e tende a ser maior nas classes desfavorecidas. Considerando, deste modo, o aumento da quantidade de violência presente nas mensagens mais procuradas por crianças e jovens, um elemento comum observado pelos pesquisadores em todos os países estudados (BELLONI, 2004).

No que se refere à violência presente em jogos eletrônicos e redes sociais, Mariano (2011) destaca o afastamento entre as pessoas e a diminuição das relações humanas em decorrência do uso/abuso das tecnologias de informação e comunicação, que, independente da faixa etária, causa este processo de individualização, em diferentes tempos e lugares.

A confusão entre o mundo real e o virtual é incrementada pelo estímulo à fantasia, característica própria da adolescência, assim como a necessidade de pertencer a um “grupo de iguais”. No mundo virtual, a identificação é com amigos reais, virtuais e até desconhecidos. E dessa possibilidade de relacionamento com quem não se conhece é que surge o risco de se identificar com grupos ou redes de tráfico de drogas, recrutamento em extremismo político, religioso ou até de terrorismo. É alarmante o aumento do número de adolescentes que cometem ato infracional, submetidos à medida socioeducativa, equivalente à pena de prisão para os adultos acima de 18 anos que cometeram crime, e que adentram aos Centros Socioeducacionais (CENSES) (EISENSTEIN E ESTEFENON, 2011).

De acordo com Mariano (2011), este processo de individualização acima descrito, permite que a empatia pelo outro seja minimizada, o que só comprova, mais uma vez, o problema que vem sendo gerado no comportamento social. Segundo Rodrigues (2009), a desinibição por conta do anonimato, bem como o reforço positivo trazido ao sistema nervoso central (SNC) - no caso dos jogos - fazem com que a consciência civilizatória seja exterminada socialmente, causando o que se pode chamar de *efeito dessensibilizador*, onde o sofrimento alheio é ignorado e/ou não atinge o sujeito em questão.

Para Borges (2005, p. 127), os videogames violentos podem aumentar o grau de agressividade de uma pessoa, dessensibilizando-a, uma vez que são interativos e obrigam o jogador quase sempre a identificar-se com o agressor. O autor questiona: “*Como uma mente em formação pode discernir que cortar a cabeça de uma pessoa é uma coisa horrível na realidade, e divertida nos games?*” Para ele,

alguns *games* com certeza não poderiam ser jogados por pessoas cujo caráter ainda não está completamente formado.

Segundo Christensen (2009) esse aumento dos índices de violência atrelado ao desenvolvimento dos recursos tecnológicos, tem relação com a discrepância presente entre o currículo escolar e o uso cotidiano de mídias. Considerando que as competências culturais e midiáticas desenvolvidas pelas crianças e jovens são obtidas durante seu tempo livre, torna-se óbvia a ausência de uma abordagem crítica no que se refere ao uso das mídias.

Paulo Freire em diálogo com Sérgio Guimarães no livro intitulado “Sobre Educação” (1984) discute o papel da escola e dos profissionais que a constituem, em ensinar a analisar e selecionar criteriosamente os conteúdos veiculados. Segundo o autor,

[...] aos educadores, enquanto políticos – desde que tenham uma opção de transformação da sua sociedade e não de preservação da sua sociedade tal qual ela está -, aos educadores que não estão satisfeitos com essa concepção consumista do mundo, cabe ver o que é possível fazer como antídoto à alta força manipulativa ou ideologizadora de alguns desses meios de comunicação (FREIRE, GUIMARÃES, 1984, p. 15).

De acordo com Neto (2011) o interesse pela violência, de maneira geral, pode ser explicado através de diferentes olhares, desde uma simples curiosidade, autodefesa ou até mesmo instinto de vingança. Outro motivo a ser considerado, é a possibilidade de extravasar a violência contida dentro de cada sujeito. Segundo o autor,

[...] infere-se que a convivência com este tipo de notícia torna-se problema a partir do momento em que as informações começam a fazer parte da vida das pessoas como algo rotineiro ou normal, ou seja, o massacre, a tragédia, o crime hediondo torna-se algo banal no cotidiano das pessoas (NETO, 2011)

De acordo com Neto (2011), percebe-se o forte envolvimento dos profissionais da mídia em captar a atenção dos mais diversos públicos, com o objetivo de atingir uma crescente na geração de lucros. Dentre os recursos mais utilizados para incitar fortes emoções nos telespectadores está a violência. Segundo o autor, a violência quase sempre aparece em uma perspectiva superficial e reducionista, porém, estima-se que até completar a maioridade, um adolescente terá sido exposto a aproximadamente 200 mil atos de violência através da televisão.

A relação de causalidade entre essa superexposição a assassinatos, estupros, assaltos e todo o tipo de agressões, de um lado, e o crescimento da violência e dos comportamentos agressivos entre os jovens, de outro, tem sido motivo de discussão. Há imensos interesses em jogo, mas a polêmica não tem razão de ser depois que mais de mil estudos produzidos por técnicos de saúde mental e especialistas de relações sociais estabeleceram que, indubitavelmente, há um nexos de causalidade entre as duas situações (ZAVASCHI *apud* NETO, 2011).

O conteúdo violento exibido pode exercer forte influência, principalmente na mente dos jovens, desencadeando um nível crescente de violência e tornando a realização de crimes um fator cotidiano. Segundo Neto (2011), os atos praticados por crianças, também são alertas da necessidade de acompanhamento dos recursos manipulados por eles, visto que a constância na reprodução das cenas apresentadas na televisão e no vídeo, bem como nos jogos de videogame e computador, banalizam a seriedade de tais atitudes.

O aumento do número de crimes cometidos no Brasil demonstra o quanto o fenômeno da violência tem se agravado nos últimos tempos, como resultado da falta de respeito às Leis e ao próximo, também como resultado da intolerância, da incoerência, do descaso, da omissão, da negligência e de outras discrepâncias nas relações humanas em todas as esferas de convivência (BRASIL, 2012).

Esta evolução tecnológica, evidenciada a partir da criação de novos dispositivos eletrônicos, ocorreu concomitantemente à elevação nos índices de violência e o conseqüente aumento da população carcerária, segundo dados do Departamento Penitenciário Brasileiro – DEPEN (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2012).

Deste modo, o que resulta desta era tecnológica é a insensibilidade, a indiferença e, acima de tudo, o afastamento do indivíduo da vida real, aniquilando as relações humanas saudáveis, bem como desdenhando as regras e convenções sociais (BERNARDINO, 2010).

Esta liberdade de expressão, segundo Casado (2011), é caracterizada pela sensação de poder atribuída ao sujeito, a partir do momento em que ele sente-se protegido pelas telas (da TV, computador, *smartphones*, etc.) e, por conta disto, age de acordo com suas próprias convenções, resultando, por diversas vezes, na falta de respeito aos direitos alheios, portanto violência.

E apesar das contínuas tentativas de comercializar a Internet, apesar de ter se convertido em um instrumento essencial para a atividade econômica, a

grande massa de fluxos de informação na internet é de uso social e pessoal, não comercial. A internet é um espaço social, cada vez mais amplo e diversificado a partir da tecnologia de acesso móvel a ela. Por isso a preservação da liberdade de expressão e comunicação na Internet é a principal questão na liberdade de expressão em nosso mundo (CASTELLS, 2006, p. 227)

Diante da realidade apresentada, torna-se evidente a necessidade imediata de realizar um trabalho de resgate desta “convivência perdida”, onde as regras não sejam banalizadas e, acima de tudo, haja respeito aos direitos humanos, de forma antônima aos atos discriminatórios.

A partir do exposto, considera-se de grande valia relacionar a influência da mídia sobre as ações violentas praticadas pelos detentos, que os levaram à privação de liberdade.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

De acordo com Stubbs e Delamont (1976) *apud* Ludke e André (1986) o método é determinado pela natureza dos problemas e isto significa que a sua escolha é feita em função do tipo de problema estudado. Desta forma, para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pela escolha de uma pesquisa etnográfica, de hipótese qualitativo-fenomenológica.

Segundo Wilson (1977) *apud* Ludke e André (1986), a pesquisa etnográfica de hipótese qualitativo-fenomenológica fundamenta-se na busca pelo entendimento do comportamento humano, considerando a interpretação que os próprios sujeitos apresentam de seus pensamentos, sentimentos e ações. Para os autores, nesta perspectiva “o pesquisador deve exercer o papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, colocando-se numa posição ímpar para compreender e explicar o comportamento humano” (WILSON *apud* LUDKE e ANDRÉ, 1986).

O presente trabalho fundamenta-se no segundo estágio da pesquisa, considerando a sistematização e análise de dados anteriormente coletados pelos demais pesquisadores. Segundo os autores, para compreender e interpretar o fenômeno estudado faz-se necessário “procurar descobrir estruturas de significado dos participantes nas diversas formas em que são expressas” (WILSON *apud* LUDKE e ANDRÉ, 1986).

O terceiro estágio da pesquisa etnográfica, segundo o autor, “consiste na explicação da realidade, isto é, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo” (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Para Becker (1958) *apud* Ludke e André (1986), neste estágio o pesquisador deverá confrontar suas evidências com teorias já existentes, este é o estágio da pesquisa que demanda de maior tempo, dedicação e aprofundamento.

3.2. UNIVERSO DA PESQUISA

Com o objetivo de investigar a violência e sua representação através da voz do cárcere, e propor ações para o enfrentamento, redução de danos e prevenção deste complexo fenômeno, a Escola de Educação em Direitos Humanos do

Departamento de Execução Penal do Paraná buscou estabelecer parcerias com instituições de ensino superior e demais órgãos, para planejar e desenvolver uma pesquisa com este intuito, no sistema penal do estado do Paraná.

A pesquisa intitulada “Vozes do Cárcere – Paz e não violência em busca de um novo modelo de gestão penal” teve início em 2011 e contou com a participação de 23 unidades penais (de regime fechado e semiaberto), com 13.490 presos em sua totalidade e a parceria da UFPR. Os dados foram coletados mediante aplicação de um questionário que continha 23 questões envolvendo a temática: “Violência na trajetória de vida do apenado”.

O presente trabalho buscou analisar o terceiro eixo desta pesquisa, fundamentalmente ligado à questão de número 17, do instrumento de coleta de dados. Este eixo trata da influência da “mídia e os atos de violência”, onde questionou-se aos privados de liberdade se eles consideravam as tecnologias de informação e comunicação, as mídias em geral, como jornais, revistas, programas de televisão, recursos disponíveis no computador e internet, como ferramentas que estimulam a violência.

3.3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

3.3.1 Instrumento de Coleta de Dados

O questionário elaborado visava à investigação de aspectos referentes à violência física, psicológica, moral, sexual, simbólica e intramuros da prisão, além de conhecer as concepções de violência que os detentos construíram durante a infância e adolescência. O Instrumento de Coleta de Dados - ICD continha 10 questões fechadas, 12 questões semiabertas - com possibilidade de complementação - e 01 questão totalmente aberta, de livre expressão. O questionário foi organizado, de forma que, o cabeçalho possibilitava a identificação da Unidade do Sistema Prisional, com especificação do bloco e galeria, no qual o referido ICD seria aplicado.

Categorizadas em quatro eixos, as questões referiam-se respectivamente ao “perfil sócioeducacional”, correspondendo às 12 primeiras questões; ao “histórico da violência na infância e adolescência”, compreendendo da 13^a à 16^a questão; à

influência da “mídia e os atos de violência”, tratada na 17ª questão, e à “violência intramuros da prisão”, relacionado às últimas questões, da 18ª à 23ª (ANEXO 1).

3.3.2 Aplicação do Instrumento de Coleta de Dados

Por considerar positiva a relação professor/aluno, o questionário foi aplicado pelos próprios professores dos CEEBJAs dos respectivos espaços de privação, garantindo assim a confiabilidade no processo de aplicação. Outro ponto favorável a ser considerado na escolha dos aplicadores foi a competência pedagógica no trato com o ICD e a possibilidade de evitar constrangimento aos entrevistados, impedindo o contato dos agentes penitenciários com o conteúdo das respostas.

Os dados foram tabulados com a utilização de um sistema de informação digital identificado por *LimeSurvey*, no qual foram digitados os dados de 8.486 questionários. Esta quantidade representa todos os questionários que foram respondidos e integralmente decifrados, podendo ser considerados válidos.

A análise apresentada no decorrer deste trabalho, compreende os dados correspondentes ao terceiro eixo da pesquisa e discute a influência da mídia na propagação de atitudes violentas, considerando o modo com que a mesma influenciou nas ações que levaram os entrevistados a se encontrarem em situação de privação de liberdade.

4 OUVINDO E ANALISANDO AS VOZES DO CÁRCERE SOBRE A VIOLÊNCIA

4.1. VISÃO CARTESIANA DA TECNOLOGIA: O BEM E O MAL

No intuito de compreender esta relação, deu-se voz ao cárcere, direcionando-lhe a seguinte questão: *“Você considera que as tecnologias de informação e comunicação, as mídias em geral, como jornais, revistas, programas de televisão, recursos disponíveis no computador e internet, estimulam a violência? Sim ou não, e por quê?”*.

Esta foi a 17ª de uma sequência de 23 questões, contidas no questionário aplicado à aproximadamente 14 mil presos de 23 estabelecimentos penitenciários, no Estado do Paraná. No processo de sistematização dos resultados obtidos com a pesquisa, analisou-se que, segundo os aproximadamente 8 mil questionários considerados válidos, existem diferentes perspectivas referentes à esta influência.

Deste modo, baseando-se em Rover e Carvalho (2010) buscou-se estabelecer uma relação com a concepção cartesiana, que possibilitou a compreensão de uma ideia de mundo sob a ótica externa ao sujeito, considerando o observador como um agente passivo.

Na perspectiva cartesiana fundamentada pelos autores, os entrevistados firmaram posicionamentos que compreendem esta influência como sendo benéfica ou maléfica, distanciando-se de uma apropriação crítica perante os conteúdos veiculados. Segundo Freire e Guimarães (2011), é necessário postar-se criticamente acerca das informações recebidas, para que o próprio sujeito desenvolva a autonomia de discernir as informações e construir seu conhecimento. Porém, durante análise das respostas, notou-se uma ausência na distinção e interpretação destes conteúdos, anulando a capacidade de considerá-los parcialmente negativos ou positivos.

As vozes que evidenciaram apenas **aspectos positivos**, no que se refere à utilização de recursos midiáticos, consideram a tecnologia como uma ferramenta que traz auxílio à sociedade, segundo os entrevistados, *“as tecnologias de hoje em dia servem para nos ajudar e nos ensinam a viver melhor”* (SUJEITO 1, 2012).

Alguns dos detentos destacaram a potencialidade destes recursos quando voltados à prevenção da violência, haja vista a pré-seleção dos conteúdos

veiculados por meio de censura, para eles, “[...] a televisão não influencia na violência porque a maioria das programações é educativa e saudável” (SUJEITO 2, 2012), argumentando que “[...] a tecnologia vem só para somar e não para prejudicar” (SUJEITO 3, 2012). Porém, segundo Relatório mundial sobre violência e saúde, publicado em 2002 pela OMS, é necessário “identificar potenciais positivos da mídia para a prevenção da violência e promoção da vida” (DAHLBERG e KRUG, 2007), evidenciando a ausência de uma utilização consciente destes recursos.

Ao analisar as vozes presentes nesta categoria, compreende-se que estes posicionamentos interpretam com ingenuidade o efeito manipulador das mídias. Segundo Demo,

O poder, como bem diria Foucault, se esgueira pelas beiradas, busca não ser percebido para influir tanto mais, procura a obediência do outro sem que este a perceba, inventa privilégio que a vítima pensa ser mérito, usa o melhor conhecimento para imbecilizar. **Não seria diferente com a informação: desinformar pode ser seu projeto principal.** (DEMO, 2000, p.37) (Grifo nosso).

Dentre os entrevistados que se incluem nesta categoria, destacam-se falas de forte otimismo, como “todos esses meios só ensinam o bem” (SUJEITO 4, 2012), considerando que recursos como “[...] o jornal, só trazem novidade, sabedoria, informação e a informação ajuda no psicológico e ocupa a mente. Assim, a pessoa não fica pensando em maldade” (SUJEITO 5, 2012).

Segundo Varella (2003, p.141) o dito popular “mente ociosa é moradia do demônio” é comum também entre os próprios detentos. Em sua obra, o autor apresenta a voz de um presidiário do Carandiru, afirmando que “a cadeia é menos perigosa, com essas mentes malignas ocupadas”.

Esta perspectiva valoriza o acesso à informação e demais conhecimentos intramuros da prisão e para eles, isso é de fundamental importância, pois consideram “[...] que quando nós navegamos na internet ou assistimos jornal ou vemos revistas aprendemos muitas coisas boas que aproveitamos” (SUJEITO 6, 2012). Segundo Barros (2013) é essencial assegurar que os privados de liberdade não se desvinculem completamente da comunidade, possibilitando que, através deste contato com a informação, “tenham um propósito dentro e fora da prisão”.

Os exemplos anteriormente citados, afirmam a concepção de bem, acreditando que o que há de externo ao sujeito não possui capacidade de interferir

em sua conduta e eximem a mídia de qualquer responsabilidade no que se refere ao aumento dos índices de violência. Nesta perspectiva, desconsidera-se toda e qualquer veiculação e propagação de ações violentas. Segundo Cruz (2008) atitudes como estas, são frequentemente transmitidas com o objetivo de angariar lucro, visto que,

Na verdade, o que se tem observado é que as pessoas ficam fascinadas pela violência, em especial pelas notícias de violência. A satisfação relatada por Delpierre, não decorre da sua inércia diante dos acontecimentos, mas, diante dos próprios **fatos que lhe dão certo prazer, enquanto espectador** (CRUZ, 2008 p. 06) (Grifo nosso).

Para Cruz (2008), não é o objetivo da mídia incentivar a violência, a divulgação de tiroteios, cadáveres, cenas de pessoas esfaqueadas, etc, é uma mostra da realidade existente e, se alcança altos índices de audiência, é porque as pessoas têm interesse em conhecer esses acontecimentos. Para a autora, “[...] culpar os veículos de informação pelas mazelas sociais é uma maneira de suprimir responsabilidades que envolvem questões políticas maiores” (LAGE *apud* CRUZ, 2008 p.40).

Alguns dos entrevistados contrariaram esta perspectiva e destacaram apenas **aspectos negativos** em relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação. As respostas categorizadas nesta perspectiva reafirmam a relação entre tecnologia e a violência, considerando segundo Neto (2011), que a mídia não só estimula e incentiva, mas propicia, propaga e, até mesmo, glorifica atos violentos.

Os entrevistados acreditam que “[...] a tecnologia estimula a roubar, matar e tudo mais, ensina você a ser sangue frio” (SUJEITO 7, 2012), afirmando que ela “[...] ensina a perder o medo, a ficar com raiva, ser violento e como fazer” (SUJEITO 8, 2012). Alguns justificam que a privação de liberdade decorreu desta influência, segundo eles, “foi assim que me tornei um ladrão, vendo filmes de assaltos enfim, roubos” (SUJEITO 9, 2012). Bévort e Belloni (2009) discutem a importância dos meios de comunicação, e caracterizam sua intervenção para além do controle social, político e ideológico. Para as autoras, as mídias representam “novos modos de perceber a realidade, **de aprender, de produzir** e difundir conhecimentos e informações” (BÉVORT E BELLONI, 2009, p. 1083) (grifo nosso).

Porém, as vozes que compreendem a mídia como um recurso de aprendizagem, desconsideram os benefícios desta utilização. Para os entrevistados,

o cunho educativo destes recursos está voltado apenas para a aprendizagem da violência, eximindo as possibilidades de ampliar significados científicos e culturais, pois, afirmam que os recursos midiáticos “[...] mostram certinho como chantagear, trair, burlar, torturar, mentir, enganar, etc. e nada acontece” (SUJEITO 10, 2012), para eles, “os filmes, as novelas, a internet incentivam a violência sim, as crianças aprendem mais cedo o uso de drogas, armas, o sexo ilícito” (SUJEITO 11, 2012), e ressaltam que “as tecnologias são as primeiras a vender a violência e o tráfico de drogas, o sequestro, **até ensinam. Acaba sendo uma escola**” (SUJEITO 12, 2012).

Deste modo, compreende-se que os entrevistados percebem a interferência social e ideológica que esses meios representam. O que não pode ser ignorado é o trato com que esta relação é trabalhada pela instituição escolar, considerando que é através destes recursos, que chegam aos estudantes, diversas informações e conhecimentos de fora da escola. Este repertório cultural, adquirido através dos meios de comunicação, fora do espaço escolar, faz parte da *escola paralela*. Segundo os autores,

(...) esses novos canais de educação, que os professores não controlam são massivamente frequentados pelos alunos. Qualquer que seja a opinião que se formule em face deles, não se pode negligenciar o problema pedagógico e sociológico que eles colocam. Trata-se de saber se a escola e a escola paralela vão se ignorar, comportar-se como adversárias, ou se aliar (PORCHER *apud*. FREIRE e GUIMARÃES, 1984, p. 10)

Nesta concepção, Kenski (2007) evidencia a necessidade de trabalhar para além da simples utilização, mas a compreensão destes recursos como objetos de ensino, de análise, discussão e compreensão, a fim de que não sejam apenas mais uma forma de transferência e reprodução de saberes. Para a autora,

A escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas (KENSKI, 2007, p.64).

Dentre os posicionamentos que compreendem apenas aspectos negativos da relação mídia e violência, destacam-se falas que evidenciam o *status* gerado a partir da (re)produção de atitudes violentas, segundo um dos entrevistados,

“[...] hoje em dia o que traz fama e até mesmo respeito é a violência. Infelizmente temos muitas pessoas que ganham fama através da internet com gravações de espancamentos. A moda é adrenalina e a maior adrenalina é através da violência” (SUJEITO 13, 2012).

De acordo com Belloni, esta é uma concepção historicamente construída, visto que,

A ideologia da luta, do vencedor e do prêmio/recompensa (na Antiguidade e Idade Média, os despojos do saque, incluindo o estupro das mulheres vencidas), a vitória na guerra, como sinal incontestável de sucesso, foi sendo construída lentamente ao longo dos séculos nas sociedades humanas (BELLONI, 2004).

Essa concepção histórica e socialmente construída, ressaltada por Belloni (2004), contou, segundo Cruz (2009), com a participação dos meios de comunicação através da forma com que os principais acontecimentos foram registrados. De acordo com alguns pesquisadores, “a mídia tem a capacidade de influenciar, confirmando ou alterando a projeção dos fatos na opinião pública” (MCCOMBS e SHAW *apud* Cruz, 2009).

A influência da mídia na reprodução de atitudes violentas, apresentada por Cruz (2009), é destacada por algumas vozes, que afirmam que “[...] se a pessoa não tem coragem... vê na televisão uma pessoa maltratando outra e matando, ela é incentivada porque vê que é muito fácil matar” (SUJEITO 14, 2012). Para eles, os recursos tecnológicos, assim como a “[...] televisão, influenciam na prostituição, nos crimes, enfim, 100% 80% do que passa na televisão induz para esse mundo” (SUJEITO 15, 2012). Para a autora, esta influência decorre, muitas vezes, do enfoque atribuído, desde a seleção dos acontecimentos, até a reprodução destes conteúdos, considerando que

[...] os meios de comunicações e seus atores são grandes **formadores da opinião pública**. A relevância e o enfoque dados pelos meios de comunicação a um determinado tema tende a ser absorvido pela sociedade na mesma proporção [...]. Para GUARESCHI (1991. p. 14), a mídia tanto pode criar fatos ao divulgá-los, como também pode deixar que inexistam pelo fato de serem silenciados (GUARESCHI *apud* CRUZ, 2009, p. 25) (Grifo nosso).

Neto (2011) considera que os comportamentos e atitudes dos espectadores estão suscetíveis a esta influência, e que ela é ainda mais incisiva em crianças e adolescentes. Para alguns dos detentos “[...] a internet ensina tudo o que não presta

e na maioria das vezes os pais nem sabem o que seus filhos estão fazendo” (SUJEITO 16, 2012), eles acreditam que “[...] no caso de jovens, que estão em fase de construção de sua mentalidade, principalmente a internet, pode ter influência negativa” (SUJEITO 17, 2012). De acordo com Belloni (2004), jovens e crianças são alvo deste mercado de consumo, o que é confirmado em uma das falas dos detentos, afirmando que, “[...] hoje em dia as crianças crescem acompanhando as violências por rádio, computador, tv, etc. e acabam achando isto normal, futuramente colocam em prática” (SUJEITO 18, 2012). Segundo a autora,

Como fatia do mercado mundial de consumo, as crianças e os adolescentes vêm ganhando uma importância sem precedentes, sendo legítimo falar em uma "cultura" jovem de âmbito planetário, cujos símbolos e heróis de maior sucesso têm a ver com sexualidade e com violência (BELLONI, 2004).

Segundo Libâneo (2006), “novas identidades juvenis, novas formas de ser jovem, aparecem com toda força” e essa nova cultura tem sido permeada pelas relações entre as gerações. Segundo Belloni,

O discurso das mídias sobre a cibercultura, a adesão dos jovens e a apropriação que eles fazem desta cultura mundializada, reinterpretada e incorporada a partir das leituras locais, vão criando um "fosso ético" entre as gerações, que tem a ver com as representações e as identidades que vão se constituindo em torno de dois temas essenciais: violência e sexualidade (BELLONI, 2004).

É justamente o envolvimento, de crianças e jovens, com estes “temas essenciais” nomeados por Belloni (2004), a maior preocupação dos pais e professores atualmente. Isso se evidencia através da fala de um dos entrevistados, que expressou sua preocupação perante o envolvimento dos filhos com os recursos tecnológicos, ele afirma que “[...] hoje a maioria dos pedófilos age pela internet, eu tenho uma filha de 15 dias e quando ela crescer não vou deixar usar a internet” (SUJEITO 19, 2012), para eles, as mídias facilitam a realização de crimes, visto que “a internet ajuda os pedófilos a pescar suas vítimas por meio das redes sociais” (SUJEITO 20, 2012). Segundo pesquisadores,

[...] as crianças podem desfrutar de grandes benefícios ao usar a rede como uma rica ferramenta educacional e também de lazer sadio, mas são justamente elas, por serem crédulas e curiosas, as **presas mais fáceis de criminosos e exploradores de toda sorte**. Os adolescentes, entretanto, muito mais que as crianças menores, constituem um **grupo de risco** [...]

visto estarem expostos a discussões "online", onde buscam relacionamentos e atividade sexual, além de terem uma supervisão muito mais difícil. A falsa sensação de segurança que o anonimato propicia faz com que os diálogos frequentemente se tornem mais pessoais e íntimos do que se tornariam numa conversa face a face com um estranho (FILHO, 2001, p.3) (Grifo nosso).

Outro fator colocado em pauta pelos detentos, e classificado como aspecto negativo da utilização de recursos tecnológicos, está intimamente relacionado a este público: são os cobiçados jogos de vídeo *game* e computador. Para os entrevistados, “os meios de comunicação mostram muito mais a prática da violência do que como combatê-la. **Hoje em dia tem muito mais jogos violentos do que jogos educativos**” (SUJEITO 21, 2012) (Grifo nosso). Este discurso compreende a utilização dos jogos como recurso de aprendizagem e questiona a produção destes materiais, consciente de que a proporção em que são produzidos materiais violentos e educativos tem relação direta com o consumo e a obtenção de lucro, que, segundo Cruz (2008), tem origem no fascínio dos sujeitos pela violência.

A preocupação voltada à influência dos *games* envolve aspectos relacionados à reprodução das atitudes violentas por parte das crianças, pois consideram que “[...] as crianças fazem o que veem fazer, às vezes fazem as coisas na inocência, como o que é mostrado nos jogos de vídeo *games* violentos” (SUJEITO 22, 2012), para eles, “[...] os vídeos *games* tem muita violência para mostrar, ensinam golpes que se usados por uma pessoa na realidade pode até matar” (SUJEITO 23, 2012).

Para um dos detentos, “[...] os jogos de vídeo *games* e as novelas ajudam a aumentar a criminalidade, **transmitem um falso conceito de que você só vale o que tem**” (SUJEITO 24, 2012), sendo que, por vezes, utilizam como critérios para avançar os níveis do jogo, o roubo, o assassinato, a exploração sexual e o descumprimento das regras. Nesta perspectiva, é preocupante o cunho formador destes recursos, visto que, para um dos entrevistados “[...] o jogo de vídeo *game* é a maior fonte para desenvolver a mentalidade dos adolescentes” (SUJEITO 25, 2012)

De acordo com Filho (2001), vários pesquisadores dedicam seus estudo à esta temática, buscando a comprovação dos efeitos nocivos presentes nesta relação. Segundo o autor, a técnica empregada nos jogos é a mesma usada para treinamento de soldados, fazendo com que o jogador automatize seus reflexos em respostas violentas, envolvendo neste ato, o mínimo de participação cerebral.

Ao analisar o discurso dos detentos que ressaltam aspectos negativos em relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação, notou-se uma discrepância na capacidade argumentativa dos sujeitos em relação às falas anteriormente analisadas, que pontuam aspectos positivos. Aparentemente, os entrevistados demonstraram maior criticidade e souberam defender seu posicionamento com mais propriedade, apesar de não ponderarem em suas análises, os benefícios que podem ser obtidos através da utilização consciente destes recursos.

4.2. VISÃO EMANCIPATÓRIA: MÍDIA CIDADÃ

Considerando que “um fator essencial para o progresso do ser humano é a sua cidadania, ou seja, a possibilidade fazer-se sujeito da própria história e da história coletiva” (DELIBERADOR, 2012) e que a escola e a família já não são as únicas instituições responsáveis pela educação dos sujeitos, ampliando e resignificando os processos de aprendizagem, buscou-se neste capítulo categorizar e analisar as vozes que apresentaram um posicionamento menos radical.

Neste sentido, compreende-se que a visão cartesiana apresentada, com posicionamentos fechados, que enaltecem apenas aspectos positivos ou negativos da relação entre mídia e violência, são perspectivas que, “quando empreendidas de maneira exacerbada (o que acontece frequentemente), expressam ingenuidade ou má-fé, por conceberem a tecnologia como boa ou má em si mesma” (ABREU e SILVA, 2010).

Para tanto, faz-se necessário, (re)pensar a educação, visando a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de produzir conhecimento. Uma educação com e para a utilização dos recursos midiáticos. Para Paulo Freire esta concepção

[...] não anula, [...], a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador [...] não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando (FREIRE, 2000, p.118).

Esse novo olhar, que concebe a educação para além dos muros da escola, com espaços, seres e recursos que educam, baseia-se nos princípios da educação não-formal definidos por Gohn, que

[...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. [...] A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania (GOHN, 2006, p. 29).

A visão emancipatória, intitulada “Mídia Cidadã” foi inspirada em um Projeto de Inclusão Sociodigital, chamado “Informática Cidadã¹” (TONO, FREITAS e HARACEMIV, 2014). É possível identificar somente pela nomenclatura, que o projeto envolvia questões diretamente ligadas à informática e ao optar pela utilização da terminologia “Mídia Cidadã” faz-se referência a todas as mídias existentes e à relação estabelecida entre os recursos e os sujeitos que os utilizam.

Nesta perspectiva, se evidenciam aspectos relacionados ao *livre arbítrio* e à mediação na utilização dos recursos tecnológicos, compreendendo que o indivíduo tem autonomia para escolher e pensar sobre suas ações - independentemente do que lhe é exposto através da mídia - reforçando suas características e as escolhas provenientes da sua trajetória (BACKES e SCHLEMMER, 2014). Os posicionamentos categorizados nesta perspectiva se fundamentam na busca por mediação no acesso às tecnologias e recursos midiáticos, evitando, assim, a potencialização da violência, através dos conteúdos veiculados. Em seu amplo sentido,

[...] emancipação consiste em provocar para conscientizar e empoderar os seres humanos para que tenham autonomia na busca da transformação. Esta transformação tem um caráter de emancipação e libertação, que vem ao encontro do pensamento de Freire (1992) sobre a educação libertadora. “Assim, em última análise, a educação libertadora deve ser compreendida como um momento, ou um processo, ou uma prática onde estimulamos as pessoas a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder” (p.47). O poder refere-se ao empoderamento que homens e mulheres têm para a tomada de decisão com relação ao seu viver e conviver, o que difere do poder hierárquico sobre o outro (BACKES e SCHLEMMER, 2014, p.60).

Os discursos fundamentados no livre arbítrio consideram que a índole e o caráter - atributos estritamente individuais -, são os propulsores de quaisquer atitudes, sejam elas violentas ou pacíficas, pois, segundo Lahire (2004) o livre-arbítrio ou a existência “pessoal” independente de qualquer influência social. Para os

¹ Projeto desenvolvido pelas Faculdades Integradas do Brasil - UniBrasil em Curitiba, apresentado por Andreia de Jesus, no livro Informática para o desenvolvimento humano, publicado em 2013, pela Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

detentos, “[...] a violência **já nasce** com a pessoa” (SUJEITO 26, 2012) e “[...] ninguém influencia ninguém, cada um tem **consciência** do que é certo e errado” (SUJEITO 27, 2012). Para eles, “[...] cada um **escolhe** o caminho que deve seguir, é o livre arbítrio” (SUJEITO 28, 2012). De acordo com Bernard Lahire,

[...] a sociologia apresenta as forças às quais somos confrontados a partir do nascimento e que determinam a forma como sentimos, pensamos e agimos e nos auxilia a progredir no conhecimento de nós mesmos e dos outros. [...] as forças e as contraforças, tanto internas quanto externas, [...] é que determinam nossos comportamentos e nossas atitudes (LAHIRE, 2004).

Confirmando esta perspectiva, um dos entrevistados ressalta que “[...] a pessoa tem o **livre arbítrio** para fazer o que quiser, não é uma matéria ou mensagem jornalística que vai incentivar a pessoa a cometer violência, e se cometer é por **vontade própria**” (SUJEITO 29, 2012).

As vozes que evidenciam a importância da mediação e do controle (seja ele por parte do estado, da família ou das escolas), fundamentam seus discursos na preocupação do acompanhamento – principalmente de crianças e jovens – durante a utilização destes recursos e afirmam que a “[...] televisão e computador estão ao alcance muito fácil das crianças principalmente **sem a devida fiscalização dos pais**, fazendo com que as mesmas usem jogos proibidos e programas de natureza criminosa” (SUJEITO 30, 2012). Para eles, o estímulo à violência possui relação direta com falta de supervisão por parte dos responsáveis, e para tanto, sugerem “[...] **Fique de olho no que seus filhos estão fazendo no computador**” (SUJEITO 31, 2012). De acordo com Ribeiro e Batista (2010), esta relação deve se basear no “jogo de mediações”, caracterizado por Hitara *apud* Orozco (2005), como princípio fundamental para o desenvolvimento do sujeito. Para os autores, a escola também deve exercer este papel mediador, considerando que,

[...] ou fazemos dos meios nossos aliados ou os MCM seguirão sendo nossos inimigos e competindo conosco, deslealmente, fazendo-nos perder relevância na educação das crianças e, finalmente deixando-nos marginalizados de seu desenvolvimento educativo real, ou seja, esse que se dá fora do espaço da escola (HITARA *apud* RIBEIRO e BATISTA, 2010).

Para alguns dos entrevistados, esta influência decorre “[...] da educação dada em **casa em conjunto com a escola** 'primeiramente pelos pais' quanto ao uso das tecnologias” (SUJEITO 32, 2012), considerando que “[...] fazem-se necessárias mais informações nas escolas sobre o uso ético das tecnologias” (SUJEITO 33, 2012).

Ao analisar a concepção emancipatória, percebe-se que a relação estabelecida entre mídia e violência, pertence em sua totalidade, a diferentes instituições e sujeitos. Nesta concepção os méritos e dificuldades são igualmente distribuídos, sendo a escola, a família, os produtores dos recursos tecnológicos e as autoridades governamentais, os responsáveis pela influência (positiva e/ou negativa) desta relação.

5 CONSIDERANDO O DITO SOBRE VIOLENCIA NAS VOZES DOS DETENTOS

A realização desta pesquisa monográfica possibilitou identificar nas vozes dos detentos o quanto a mídia influi nas atitudes violentas em relação à falta de respeito ao direito à vida do outro. Para tanto foi preciso partir da pesquisa realizada por Brandão e Oliveira (2013), que levantou aspectos acerca da Educação Prisional traçando o perfil dos sujeitos privados de liberdade, correspondendo ao primeiro eixo da Pesquisa “Vozes do Cárcere” – Paz e não violência em busca de um novo modelo de gestão penal, iniciada em 2011 pela SEJU/DEPEN, com parceria com a UFPR.

Ao investigar, verificou-se que as mídias mais utilizadas, antes da privação de liberdade, referenciadas nas vozes dos detentos, foram a televisão e a internet, mídias que são consideradas por eles, como recurso de aprendizagem da violência.

Ao analisar o jogo do capitalismo na constituição do sujeito consumidor de recursos midiáticos e o processo de ressocialização dos mesmos - intramuros da prisão -, percebeu-se a ausência da utilização destes recursos no referido processo. Para os detentos, o acesso a estes recursos é um dos fatores considerados necessários para a manutenção da interação com o mundo, e sugerem a inclusão de diferentes tipos de mídia, como jornais, livros e televisão.

Assim sendo, pode-se verificar que os detentos reconhecem a influência dos recursos midiáticos na formação do cidadão, considerando a mídia como recurso de aprendizagem da violência, porém, percebem suas potencialidades em favor do processo educativo. Vale ressaltar que diferentes posicionamentos apontaram a importância de uma educação com e para a mídia, baseada na utilização destes recursos.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. B. de e SILVA, W. L. M. da; **Ode e fobia à tecnologia na era da cibercultura**. CFCH – UFPE, VIII Conic e II Coniti, 2010. Disponível em: http://www.contabeis.ufpe.br/propesq/images/conic/2010/conic/pibic/70/Resumo_CO_NIC_10070448PO.pdf Acesso em: 02 de outubro de 2014.

ANDRADE, V. P. **Sistema penal máximo versus cidadania mínima: códigos de violência na era da globalização**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

BACKES, L. SCHLEMMER, E. **O processo de aprendizagem em metaverso: formação para emancipação digital**. Revista de Gestão do Unilasalle (ISSN 2316-5537) Canoas, v. 3, n. 1, mar. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve> Acesso em: 03 de novembro de 2014.

BARROS, I. P. S; et al. **A biblioteca atuante na penitenciária, resgatando a autoestima e a cidadania dos detentos: caso da Penitenciária Masculina Baldomero Cavalcanti de Oliveira, Maceió-AL**. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação – Florianópolis, SC, Brasil, 2013.

BELLONI, M. L. **Infância, máquinas e violência**. UFSC, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000200012&script=sci_arttext Acesso em: 20 de maio 2014.

BERNARDINO, P. **Arte e tecnologia: intersecções**. ARS - São Paulo, 2010. Vol.8, n.16, pp. 39-63. ISSN 1678-5320. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ars/v8n16/04.pdf> Acesso em: 11 de julho de 2014.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. **Mídia-educação: conceitos, histórias e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>> Acesso em: 05 de junho de 2014.

BORGES, M., **Nos bastidores da mídia, Como os meios de comunicação afetam a mente**, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2005.

BRANDÃO, M.F; OLIVEIRA, M.P.C. **Perfil socioeducacional dos privados de liberdade do Sistema Penal do estado do Paraná**. Trabalho de Conclusão de curso, Pedagogia – UFPR. Curitiba, 2013.

CARVALHO, E. **Exclusão social e crescimento das cidades médias brasileiras**. Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2003, vol. VII, núm. 146(128). Disponível em: [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(128\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(128).htm) Acesso em: 06 de Outubro de 2014.

CASADO, A. G. P. **Cyber bullying: violência virtual e o enquadramento penal no Brasil**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIV, n. 95, dez 2011. Disponível em:

http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?leitura&artigo_id=10882. Acesso em: 12 de agosto de 2014.

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CHRISTENSEN, O; TUFTE, B. **Mídia-Educação – entre a teoria e a prática PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 97-118, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/2175-795X.2009v27n1p97/12293>. Acesso em: 13 de março de 2014.

CRUZ, T. M. F. **A influência da mídia na percepção da violência: as comunicações e denúncias à Central de Emergência 190**. 2009. 82 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2010/06/Tercia-M.-F.-da-Cruz.pdf> Acesso em: 24 de setembro de 2014.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. **Violência: um problema global de saúde pública. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. OMS, Organização Mundial de Saúde. Genebra: OMS; 2002.

DELIBERADOR, L. M.Y. **Importância de Oficinas para estimular a criticidade e a criatividade dos jovens na prática de mídia educação objetivando uma formação cidadã**. PPGCOM – ESPM, GT 07: Comunicação, Educação e Consumo. Comunicon, São Paulo, 2012.

DEMO, P. **Ambivalências da sociedade da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a05v29n2> Acesso em: 05 de outubro de 2014.

EISENSTEIN E.; ESTEFENON S. G. B., **Geração digital riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes**. Ver. Hosp. Univ. Pedro Ernesto. 2011:10 Supl., 2:40-52.

FERNANDES, P. D.; OLIVEIRA, K. K. S. de. **Violência escolar na percepção dos professores**. Anais do VI Fórum Identidades e Alteridades e I Congresso Nacional Educação e Diversidade - ISN 2176-703. UFS – Itabaiana/Se, Brasil, 2013. Disponível em: <http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos.pdf> Acesso em: 02 de outubro de 2014.

FILHO, U.D. **Promoção de Segurança da Criança e do Adolescente Frente à Mídia (TV, Internet)**. Departamento de Segurança da Criança e do Adolescente. Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: http://www.sbp.com.br/img/documentos/doc_promocao_seguranca.pdf Acesso em: 22 de outubro de 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação: diálogos**. V. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARLAND, D. **As contradições da sociedade Punitiva**. Revista de Sociologia e política n 13: 59-80. Nov. Curitiba: UFPR, 1999.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. In: Ensaio: aval. pol. publ. Educ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas – SP: Papyrus, 2007.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos : disposições e variações individuais**. Artmed Editora, 2004. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00425779/> Acesso em: 05 de novembro de 2014.

LIBÂNIO, J.C. **Cultura jovem, mídias e escola: o que muda no trabalho dos professores?** Educativa , Goiânia, v. 9, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://revistas.ucg.br/index.php/educativa/article/view/73/69> Acesso em: 14 de agosto de 2014.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIANO, M. Orientador: SANTA-ROSA, E. J. **Os impactos psicossociais dos usos da internet no domicílio**. PIBIC Mackenzie – SP, VII Jornada de Iniciação Científica – 2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/psi/marilia_mariano.pdf Acesso em: 13 de setembro de 2014.

MESQUIDA, P. **Esse é o meu corpo: corpo, violência, educação à luz do pensamento de Paulo Freire**. VIII Congresso Nacional De Educação – EDUCERE – Edição Internacional. PUC-PR, 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/941_848.pdf Acesso em: 03 de setembro de 2014.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA - Departamento Penitenciário Nacional DEPEN - **Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – InfoPen** – Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/services/DocumentManagement/FileDownload> Acesso em: 09 de outubro de 2014

NETO, A. B. C. **Violência na mídia: prevenção e redução**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIV, n. 93, 2011. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10413>. Acesso em: 13 de Março de 2014.

OROZCO, G. **Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas**. Revista Comunicação e Educação - São Paulo, 2005.

PARANÁ. **Documento de Pesquisa Vozes do Cárcere**. Disponível em: <http://www.questionario.seed.pr.gov.br/index.php?sid=28919&lang=pt-BR> Acesso em 20 de fev. 2014.

RIBEIRO, A. C., BATISTA, A. J. **A influência da mídia na criança / pré-adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato**. Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

RODRIGUES, H. A. **A influência dos jogos eletrônicos no desenvolvimento cognitivo e motor da criança na Educação Infantil**. Taguatinga Sul, Brasília – DF, 2009. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/70290196/Monografia-A-Influencia-dos-Jogos-eletronicos-no-Desenvolvimento-Cognitivo-e-Motor-da-Crianca-na-Educacao-Infantil-05-06-2009> Acesso em: 26 de outubro de 2014.

ROVER, A. J. e CARVALHO, M. (organizadores) **O Sujeito de conhecimento na sociedade em rede** – 318 p. Florianópolis : Fundação Boiteux, 2010.

SODRÉ, M. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs 2002. 2ªed. 2006.

STUBBS, M. e DELAMONT, S. (orgs). **Explorations in Classroom Observation**. London, John Wiley, 1976.

TONO, C.C.P; FREITAS, M.C.D; HARACEMIV, S.M.C. **Informática para o desenvolvimento humano**. 2ª Edição. Curitiba, PR: CRV, 2013.

TRIGUEIRO, O. **O estudo científico da comunicação: avanços teóricos e metodológicos ensejados pela Escola Latino-Americana**. UFPB, 2001. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/artigo%206-3.htm> Acesso em: 23 de abril de 2014.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. 2. Ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

VELHO, G. **O desafio da Violência**. Estudos Avançados 14. Rio de Janeiro, RJ, 2000.



**SISTEMA PENITENCIÁRIO DO PARANÁ E DIREITOS
HUMANOS**

UNIDADE PENAL:

BLOCO: ; GALERIA:

Objetivo desta pesquisa: Averiguar as condições relacionadas ao bem estar do ser humano recluso no Sistema Penitenciário do Paraná diante da temática 'violência'.

A sua contribuição é fundamental para que possamos prever ações que contribuam com a garantia dos Direitos Humanos no Sistema Penitenciário do PR previstos em Lei!

SEÇÃO I - IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1. Sexo: 1.1 () Masculino 1.2 () Feminino

2. Condição atual no Sistema Penitenciário: 2.1 Preso Condenado () 2.2 Preso Provisório ()

3. Idade: 3.1 () 18 a 21 anos 3.2 () 22 a 25 anos 3.3 () 26 a 31 anos
3.4 () 32 a 36 anos 3.5 () 37 a 42 anos 3.6 () 43 a 50 anos
3.7 () 51 a 56 anos 3.8 () 57 a 62 anos 3.9 () acima de 63 anos

4. Tempo de condenação: 4.1 () até 1 ano 4.2 () 1 a 3 anos 4.3 () 4 a 7 anos
4.4 () 8 a 11 anos 4.5 () 12 a 16 anos 4.6 () 17 a 20 anos
4.7 () 21 a 25 anos 4.8 () 26 a 30 anos 4.9 () Mais de 30 anos

5. Tempo que está preso: 5.1 () até 1 ano 5.2 () 1 a 3 anos 5.3 () 4 a 7 anos
5.4 () 8 a 11 anos 5.5 () 12 a 16 anos 5.6 () 17 a 20 anos
5.7 () 21 a 25 anos 5.8 () 26 a 30 anos 5.9 () Mais de 30 anos

6. Estado de nascimento: _____

7. Cidade do Paraná em que residia quando da última prisão: _____

8. Estado civil atual: 8.1 () Solteiro(a) 8.2 () Casado(a) 8.3 () Amasiado(a)
8.4 () Viúvo(a) 8.5 () Separado(a) ou Divorciado(a)

9. Você se considera: 9.1 () Indígena 9.2 () Negro(a) 9.3 () Amarelo
9.4 () Mulato(a) 9.5 () Branco(a) 9.6 () Pardo(a)

10. Tem filhos (as): 10.1 () Não
10.2 () Sim, Quantos? 10.1.1 () 1 a 2 filhos 10.1.2 () 3 a 5 filhos
10.1.3 () 6 a 10 filhos 10.1.4 () mais de 11 filhos

11. Quanto a sua Escolaridade: (Múltipla Escolha)

- 11.1 () Analfabeto(a) – não sabe ler, nem escrever
11.2 () Semianalfabeto(a) – sabe ler ou escrever com dificuldade
11.3 () Ensino Fundamental **Incompleto** - 1ª a 4ª série
11.4 () Ensino Fundamental **Incompleto** - 5ª a 8ª série
11.5 () Ensino Fundamental **Completo** - 1ª a 8ª série
11.6 () Ensino Médio **Incompleto**
11.7 () Ensino Médio **Completo**
11.8 () Curso Profissionalizante **Incompleto**. Qual? _____

- 11.9 () Curso Profissionalizante **Completo**. Qual? _____
11.10 () Curso Superior **Incompleto**. Qual? _____
11.11 () Curso Superior **Completo**. Qual? _____
11.12 () Pós Graduação. Qual? _____

12. Você tinha alguma profissão antes de ser preso?

- 12.1 () Sim. Qual(is)? _____
12.2 () Não

SEÇÃO II - CONCEITO E HISTÓRICO PESSOAL DE VIOLÊNCIA

13. Para você violência é: (Múltipla escolha)

- 13.1 () Castigo físico.
13.2 () Maltrato emocional, constrangimento ou coação moral (xingamento, por exemplo)
13.3 () Desprezo ou abandono.
13.4 () Não poder estudar, trabalhar, cuidar da saúde.
13.5 () Abuso sexual.
13.6 () Ser obrigado a fazer o que não quer.
13.7 () Desigualdade e discriminação.
13.8 () Todas as alternativas.
13.9 () Outros. Quais? _____

14. Você sofreu algum tipo de violência quando era criança ou adolescente?

- 14.1 () Sim
14.2 () Não

15. Caso afirmativo na resposta anterior, qual tipo de violência você sofreu quando era criança ou adolescente? (Múltipla escolha)

- 15.1 () Maltrato físico (tapa, empurrão, soco, ponta-pé, espancamento, queimadura, entre outros)
15.2 () Maltrato emocional (crítica, humilhação, xingamento, gritaria, entre outros)
15.3 () Descuido, Desprezo ou Abandono
15.4 () Abuso sexual
15.5 () Obrigado a utilizar drogas
15.6 () Proibido de ir à escola ou estudar
15.7 () Outro tipo de violência. Qual? _____

16. Caso afirmativo na resposta da questão '14', quem era o responsável pela violência com você quando criança/adolescente? (Múltipla escolha)

- 16.1 () Pai
16.2 () Mãe
16.3 () Irmã(o)
16.4 () Tia(o)
16.5 () Prima(o)
16.6 () Avô(ó)
16.7 () Padastro
16.8 () Madastra
16.9 () Outro parente. Qual? _____
16.10 () Outra pessoa. Qual? _____

17. Você considera que as tecnologias de informação e comunicação, as mídias em geral, como jornais, revistas, programas de televisão, recursos disponíveis no computador e internet, estimulam a violência?

- 17.2 () Sim, porque

17.2 () Não, porque

SEÇÃO III – SOBRE VIOLÊNCIA NO SISTEMA PENITENCIÁRIO

18. Você já sofreu ou sofre algum tipo de violência na unidade penitenciária?

18.1 () Sim

18.2 () Não

19. Caso afirmativo na resposta anterior, qual tipo de violência que já sofreu ou sofre na unidade penitenciária? (Múltipla escolha)

19.1 () Castigo físico.

19.2 () Constrangimento ou coação moral (opressão e xingamento, por exemplo).

19.3 () Pressão psicológica.

19.4 () Abuso sexual.

19.5 () Impedimento para estudar.

19.6 () Impedimento para trabalhar.

19.7 () Impedimento para cuidar da saúde física e mental.

19.8 () Impedimento ou limitação para se comunicar com a família.

19.9 () Ser obrigado a fazer o que não quer.

19.10 () Todas as alternativas.

19.11 () Outro tipo de violência. Qual? _____

20. Algum membro da sua família ou outro visitante já sofreu algum tipo de violência na unidade penitenciária?

20.1 () Não

20.2 () Sim. Qual(is) tipo(s) de violência? Por favor, explique:

SEÇÃO IV – SOBRE VIOLÊNCIA A PARTIR DOS DEMAIS PRESOS

21. Você já sofreu ou sofre algum tipo de violência por parte de outros presos na unidade penal?

21.1 () Sim

21.2 () Não

22. Caso afirmativo na resposta anterior, qual tipo de violência que você já sofreu ou sofre por parte de outros presos na unidade?

22.1 () Assumir a culpa por alguma falta.

22.2 () Pagar pela segurança pessoal.

22.3 () Violência e castigo físico.

22.4 () Constrangimento ou coação moral (opressão e xingamento, por exemplo).

22.5 () Abuso sexual.

22.6 () Ser obrigado a carregar objetos dentro do corpo.

22.7 () Outros. Quais? _____

23. Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre violência no Sistema Penitenciário ou dar sugestão de como abrandar a violência dentro e fora da prisão?
